

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

**ARTE, IMAGEM E INTERTEXTUALIDADE NO HORIZONTE DE UMA  
EDUCAÇÃO ÉTICO-ESTÉTICA<sup>1</sup>  
ART, IMAGE AND INTERTEXTUALITY ON THE HORIZON OF ETHICAL-  
AESTHETIC EDUCATION**

**Maria Regina Johann<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Pesquisa Institucional desenvolvida no Departamento Humanidades e Educação, pertencente ao Grupo de Teorias pedagógicas e dimensões éticas e políticas na educação. Pesquisa: A linguagem no âmbito da educação

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Humanidades e Educação maria.johann@unijui.edu.br;

**Resumo:**

Este texto se ocupa do tema da arte contemporânea e sua inter-relação com as imagens do cotidiano, especialmente as veiculadas pela propaganda. Indica algumas intertextualidades presentes nessas linguagens e apresenta elementos para pensar este tema em contextos educativos, como o âmbito de formação de gosto e produção de sentidos. Para tanto, problematiza noções acerca da arte contemporânea e suas rupturas com a tradição, destacando aspectos como a noção de arte como linguagem, o sistema da arte, o lugar do artista, do mercado e do público. Explicita, ainda, características artísticas presentes na criação contemporânea, a partir da perspectiva da apropriação e da recontextualização. Também, tematiza aspectos acerca do uso da arte pela propaganda, questionando a objetificação da arte pela sociedade de consumo.

**Palavras-chave:** Linguagem . Arte contemporânea. Mestiçagem. Propaganda. Formação ético-estética.

**Abstract**

This text of the theme of contemporary art and its interrelation with images of daily life, especially those by advertisement. It indicates some intertextualities which are present in these languages and presents elements to think about this theme in educational contexts, in the scope of taste formation and production of meanings. In order to do that, the text problematizes notions concerning the contemporary art and its ruptures with the tradition, highlighting aspects like the notion of art as a language, the system of art and the places of the artist, the market and the public. Yet, it explicits artistic characteristics of the contemporary creation, from the perspective of the appropriation and recontextualisation. Finally, it thematizes aspects concerning the use of art the advertisement, questioning the objectification of art the consumer society.

**Keywords:** Language. Contemporary art. Miscegenation. Advertisement. Ethical and aesthetic formation.

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

## **INTRODUÇÃO:**

### **As motivações para pensar a arte e a imagem na educação**

Ao me ocupar do tema da intertextualidade entre arte e imagens da cultura visual, com ênfase na propaganda, busco refletir em que medida esta questão pode ser tratada na educação, especialmente na formação inicial dos licenciandos. Atuo como professora em disciplinas de formação docente e tenho constatado uma dificuldade dos alunos em apreciar e ler imagens, especialmente quando são instigados para uma análise que lhes exige mais criticidade e capacidade de estabelecer relações mais complexas. Isso tem me levado a pensar sobre a necessidade de educar para um pensamento reflexivo e um olhar mais alargado, na perspectiva de uma compreensão da arte e das imagens como âmbitos de formação ético-estética.

A precariedade da formação básica dos alunos em relação à arte e à cultura brasileira eleva, sobremaneira, a percepção deste aspecto na formação inicial. Tenho me dado conta de que formamos um(a) professor(a) com uma bagagem artística e cultural insipiente nos aspectos da estética e da crítica, com noções frágeis para assumir tal debate na formação da educação básica. Assim, investir neste tema, que não é nada novo, é apostar na formação ético-estética dos licenciandos como um aspecto relevante e necessário, uma vez que a sociedade à qual pertencemos tem forte apelo visual e midiático. Neste horizonte, a arte e a propaganda estão inseridas num processo de interação social e, neste processo, estamos subsumidos às mensagens, valores, padrões e visões de mundo.

Por isso este tema será articulado ao âmbito da educação pois, como linguagens, a arte, a imagem e a propaganda podem ser interpretadas e traduzidas, requerendo o desenvolvimento do pensamento visual tanto para interpretar quanto para criar e expressar enunciados visuais; habilidades necessárias aos indivíduos que habitam um mundo cada vez mais configurado pelas imagens.

## **METODOLOGIA:**

Esta reflexão toma como principal referência a experiência como docente nos cursos de formação de professores de uma instituição de ensino superior e também longos anos de atuação em formação continuada com professores de educação básica da região noroeste do Rio Grande do Sul. A partir dessa bagagem reflito sobre as percepções e conhecimentos acerca da arte e da cultura visual dos alunos de primeiros semestres de cursos de graduação em licenciatura.

Esta reflexão considera aspectos relacionados às falas, às ideias e a capacidade de problematização dos acadêmicos quando expostos diante de imagens e solicitados a inter-relacionar, problematizar e informar aspectos específicos ao patrimônio artístico e cultura. As noções que embasam esta pesquisa inicial são de caráter informal e nascem da escuta e da observação em sala de aula sobre o modo como se comportam (o que dizem e como dizem), diante da arte e das imagens da cultura visual (fotos, propagandas, moda, animações, ...). Chamando a atenção para este aspecto, de pronto observo o caráter inicial da pesquisa empírica, nesta primeira etapa, de cunho reflexivo e teórico.

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

Metodologicamente, adoto uma perspectiva teórica em que os referencias bibliográficos, tais como, artigos, dissertações e teses foram utilizadas e buscadas tanto no meio impresso como no meio eletrônico (a partir do portal de periódicos da Capes), além de obras entendidas como fundamentais aos temas em questão, especialmente em relação à arte-educação, à educação e formação de professores, à arte contemporânea e a cultura visual. Assim, o recorte realizado neste texto, e que apresento na seção seguinte a esta, articula esses elementos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO:**

### **A arte e a imagem como linguagens que configuram o amplo universo do mundo humano**

Para desenvolver esta sessão tomo como pressuposto que humano e linguagem são coetâneos e, assim, não podemos pensar em mundo humano fora da linguagem (GADAMER, 1999). Neste sentido, a linguagem é condição, elemento que nos constitui humanos e pela qual conhecemos e expressamos nossas percepções acerca do mundo que pertencemos, algo semelhante a um caudal no qual estamos mergulhados (Idem). Nesta perspectiva, a arte e a imagem configuram o amplo universo simbólico humano e, nas suas especificidades, expressam, comunicam e possibilitam conhecimentos.

Num horizonte hermenêutico-filosófico a arte é linguagem estética que nos permite acessar um mundo que não está estrangido pela racionalidade instrumental. Por isso, há nessa sua especificidade uma dimensão ético-estética própria que enriquece nossos modos de ver o mundo e a nós mesmos. A dimensão estética, que é própria da arte, nos mostra que existem horizontes de verdades distintas da ciência, da história, da religião, da filosofia...

As linguagens, expressas nas dimensões da arte e do corpo permitem a abertura para vivências que não se estruturam apenas pela dimensão cognitiva dada por orientações normativas. O caráter estético e expressivo dessas linguagens possibilita o emergir da força vital do sensível e das emoções, permitindo, por isso, a presença da imaginação e da corporeidade que, por sua vez, pode significar o pôr-se diante do outro, de uma alteridade consentida que se transforme em um processo de autoconhecimento (HERMANN, 2014).

A verdade da obra de arte não é neutra porque está referida a um contexto histórico do qual artista e obra copertencem, embora não estejam nele prisioneiros. A obra joga ao mostrar e esconder aspectos de sua origem, o seu mundo e, por isso, é pertinente considerá-la como um fenômeno e não como um objeto, aceitando que “[...] ela tem algo de ‘como-se’ que reconhecemos como traço fundamental da essência do jogar. Ela é uma obra por ser como algo que se joga” (GADAMER, 2010, p. 52), por isso não nos dirigimos a ela com absoluta autonomia como se nos endereçássemos a quem não tem nada a dizer. “A hermenêutica quer, então, expor as consequências de um acontecimento que se cria a partir de um horizonte tal que nem mesmo ele pode ultrapassar. Trata-se de um espaço em que o homem expõe a si mesmo, correndo o risco de perder sua própria orientação” (HERMANN, 2003, p. 25). Permitindo-se a experiência da alteridade o sujeito pode ficar mais sensível ao outro.

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

A natureza da obra é de ser única, “[...] de não ser uma obra bruta, [...] mas algo que chegou a termo de uma maneira impossível de ser repetida e que alcançou sua aparição única” (GADAMER, 2010, p. 52). Neste aspecto, destacamos a força de seu construto e de característica de fenômeno artístico, considerando “[...] o fato de o fenômeno ter deixado para trás de uma maneira incomum o processo de seu surgimento ou de tê-lo banido para o cerne do indeterminado e, colocado totalmente sobre si mesmo, se apresentar em sua própria aparência e manifestação” (Idem). A obra poética exige que se considere sua existência, o *ser-aí*. Desse modo, romper a unidade entre poética e materialidade é não reconhecer o que é *seu próprio*,<sup>[1]</sup> sua especificidade, “[...] trata-se de um cair-fora da efetiva experiência de uma obra poética, quando se considera a fábula, que lhe está na base, sob, por exemplo, o ponto de vista de sua origem [...]” (GADAMER, 1999, p. 197).

Esta linguagem específica que configura a arte tem na poética sua licença e, nisso, sua particularidade em capturar e traduzir percepções acerca do mundo humano, possibilitando, assim, a criação de mundos simbólicos.

Esta é, portanto, a noção de arte que sustenta minha abordagem. No entanto, é válido observar que a arte, as imagens e as propagandas pertencem a universos distintos, embora, muitas vezes, admitimos a dificuldade de delimitar tais territórios. Assim, se arte é linguagem estética, a imagem é representação de uma percepção de realidade ou de imaginários, fantasias e sonhos acerca dela. Isso significa dizer que uma paisagem, por exemplo, não é imagem, mas uma fotografia sua, sim.

Portanto, o mundo humano é um mundo constituído de linguagens através das quais imprimimos sentidos à vida, e num mundo feito de diferentes vozes buscamos, numa tarefa aberta e permanente, compreendermo-nos mutuamente, ou seja, interpretamos e compreendemos a partir de um jogo de linguagem. Este entendimento de linguagem não a toma como instrumento e, por isto, centraliza a ideia de que não é possível linguagem sem o outro, sendo, por isso, uma dimensão viva e em constante transformação.

Assim, num mundo cada vez mais tecido por diferentes linguagens, parece-nos relevante pensarmos a dimensão comunicativa e formativa delas, em especial a arte e as imagens da cultura visual, que incluem as propagandas. Cada vez mais inter-relacionadas, arte e imagem se apresentam em galerias, salas, museus ou, ainda, nos diversos espaços e âmbitos do cotidiano, tais como: no espaço urbano, na moda, na propaganda, no cinema, na TV e, inclusive, no ciberespaço.

Entender isso permite ao sujeito acessar criticamente os diferentes modos de como essas visualidades configuram mundos e dialogam conosco ao modo, inclusive, de práticas sociais. Ou seja, arte, imagens e propaganda configuram um caudal artístico e cultural no qual estamos enredados, sem, muitas vezes, nos darmos conta disso.

É nesse horizonte que entendo relevante a abordagem deste tema na educação, pois se a arte é linguagem, ela pode ser interpretada e traduzida, num horizonte de sentidos já posto pela tradição; assim também acontece com as imagens. Ambas permitem a compreensão de algo e

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

produzem, em nosso horizonte, sentidos diversos. No entanto, quero destacar que a linguagem artística é distinta da linguagem da propaganda, embora se intertextualizem; ainda assim, a arte e a propaganda não tem a mesma especificidade, não se endereçam a nós com a mesma intencionalidade.

Assim, de meu ponto de vista, tematizar estes aspectos no âmbito da educação é permitir aos sujeitos a reflexão sobre a especificidade da arte e sua relevância no mundo humano, bem como a especificidade da propaganda e sua capacidade de produzir em nós desejos e sentimentos de pertencimento ou não.

O tensionamento desta perspectiva visa salvaguardar a arte como uma linguagem poética que está livre das objetificações do mundo da vida, bem como da instrumentalização da sociedade de consumo, que nos parece ser algo próprio à propaganda.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

### **A arte e as imagens em contextos educativos: desafios à formação ético-estética**

Do ponto de vista da educação em espaços formais, como é o caso das escolas e das instituições de ensino superior, a arte e a imagem nem sempre se constituem em assunto relevante. Talvez isto seja assim porque centralizamos os conhecimentos a partir da ciência e da racionalidade instrumental e, deste modo, vemos a arte e as imagens como um âmbito profano demais para construir conhecimentos e verdades, pois elas nos escapam à medida que tentamos apreendê-las ou fixá-las em paradigmas estéticos ou em verdades dogmáticas.

Exatamente por isso minha aposta é a de que a perspectiva ético-estética necessita de mais visibilidade como elemento de formação, pois não é somente o uso das imagens que requer uma tematização estética e ética, mas, principalmente, a possibilidade do debate acerca dos enunciados que povoam nosso cotidiano, ficando geralmente silenciados, constituindo imaginários e influenciando modos de viver.

A defesa deste tema em espaços educativos busca assegurar aos alunos a possibilidade de se colocarem diante destas linguagens e exercitarem um pensamento crítico e poético. Neste sentido, as verdades possíveis que a arte e as imagens nos permitem acessar alargam noções de mundo humano. Quando as instituições de ensino enfatizam a ciência como uma dimensão de verdade, e estamos admitindo que o seja, mas ignoram que existem outras dimensões de verdades tão válidas quanto as da ciência, elas alijam os seus alunos de uma percepção de conhecimento complexa e interdisciplinar.

O que defendemos é que a arte é uma linguagem que permite o acesso a outros modos de verdade e, por isso, se justifica como conhecimento próprio. Tanto a arte quanto as imagens permitem-nos tomar consciência de que o mundo dos homens é constituído também por dimensões estéticas e poéticas, e que elas são válidas e necessárias ao nosso viver, uma vez que alargam e enriquecem os sentidos que criamos em nosso universo simbólico.

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

Assim, conhecer a especificidade da criação artística, da imagem e dos modos como são cooptadas pelas mídias, é um desafio à educação contemporânea. Dessa maneira, no horizonte da educação caberia indagar: o que essas visualidades e intertextualidades expressam nos contextos em que são enunciadas? O que traduzem, ensinam ou permitem pensar sobre comportamentos, valores, hábitos? Em que medida a arte e a imagem possibilitam reflexões sobre padrões culturais, religiosos, de gênero, de comportamentos e de corporeidades? Por outro lado, como permitem desconstruir verdades e valores? Pensar a partir desta perspectiva tem sentido numa sociedade cada vez mais espetacularizada, narcísica e midiaticizada, que objetifica tudo, inclusive a arte, fazendo-nos crer que tudo pode ser consumido!

Exemplificamos esta noção a partir da pintura bastante conhecida, Mona Lisa<sup>[2]</sup>, e nos damos conta de que atualmente ela é reduzida àquilo que importa ao mercado. No âmbito do consumo, cola-se um produto à referência (já consagrada) da obra, como apelo à legitimidade da tradição. No apetite voraz do mercado, a Mona Lisa torna-se uma estampa a cobrir superfícies que demandam novidades na lógica do consumo e do comportamento descartável.

No entanto, e esta é uma visão pessoal, diria que em se tratando de arte algo nos escapa, pois quando atentamos para o olhar de Lisa damos-nos conta de que reside ainda um sopro poético que nos permite suspeitar sobre o quanto temos que avançar quando o assunto é a arte, a imagem e suas potências para o pensar. Assim, parece-me que mesmo objetificada, a obra resiste e o encanto que permanece nos envia seus acenos...

Por outro lado, também a arte precisa ser tematizada e problematizada pelo viés do sistema e do mercado, pois a banalização da criação é hoje uma realidade. Muitos artistas se renderam ao chamado do mercado e produzem conforme o gosto dos consumidores, da moda, da tendência da crítica e do *marchand*. Neste estado de consumo muita arte contemporânea carece de linguagem!<sup>[3]</sup>

Por isto, nesta reflexão indago sobre a perspectiva que instrumentaliza a arte, perguntando sobre sua dimensão ética, entendendo que reduzi-la a algo útil é instrumentalizar toda a tradição que herdamos à imediatez do presente, e com isso roubamos do sujeito o direito de imprimir sua percepção no mundo.

Heidegger (1990) argumenta que a arte se diferencia das coisas e dos apetrechos, por ser uma manifestação desinteressada, ou seja, livre de uso e função. Ela tem essa autonomia por que sua origem é a Poesia. Assim, sua natureza está voltada à poética e isso lhe assegura uma liberdade licenciada pela própria Poesia, o que nos permite afirmar que a arte não serve a nada. Isso lhe assegura uma autonomia em relação às necessidades e funções práticas, o que a envolve de uma aura, um halo, que solicita um olhar especial, convidando-nos à reflexão.

Essa potencialidade que a arte tem nos possibilita estar diante do encantamento e do assombro acerca da nossa própria existência. Essa sua característica lhe imprime uma especificidade que a torna irrepetível, o que a diferencia, por exemplo, da ciência, que é feita para a replicação e a verificação.

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

O modo como a arte é criada depende de vários aspectos; dentre os quais destacamos a capacidade instituinte e criativa do próprio homem, sua capacidade de imaginar e a possibilidade de simbolizar. Essas dimensões permitem a transcendência da imanência da própria vida, o que faz Gadamer afirmar que a arte é um excesso, posto que ela excede as necessidades básicas do cotidiano. Assim, a arte é esse algo a mais que criamos para ampliar nossa experiência de vida. Ela nos provoca a “cavocar” mais fundo a existência, mostrando-nos, quem sabe, o sem fundo da própria condição humana e nossa dependência do simbólico como “instauração de fundo” (JOHANN, 2015).

Esse luxo que a arte é nos fascina! Ela complementa nossa humanidade nos permitindo um excesso que está referido ao prazer estético. Desse modo desinteressado, que é próprio dela, porém, emergem aspectos do viver humano que escapam à razão instrumental. Em sua licença poética o artista captura sutilezas e nuances do viver humano que são, para nós, “janelas abertas”, ampliando os horizontes do mundo da vida (JOHANN, 2015). Gadamer (2010) adverte que essa especificidade da arte instaura perguntas que levam ao autoconhecimento, pois, como espelho, a arte reflete nossa própria existência humana, nos lembrando: isso é o que tu és! Assim, ela nos devolve nossa própria imagem de humano, permitindo-nos pensar no que fomos ou poderíamos ter sido. A arte vem-nos como recordação de que o mundo é uma proposição circunscrita na linguagem, ou seja, sob um olhar não mais metafísico, o mundo pode ser definido como uma grande metáfora (JOHANN, 2015).

Essa potencialidade da arte que nos permite ver a cada um, ao seu modo e a cada vez, é um âmbito ético que nos põe a pensar sobre a nossa própria existência, parecendo-me uma das suas grandes forças na própria educação.

A arte possibilita que nos reconheçamos herdeiros de um mundo constituído de cultura e tradição. Tematizá-la em tempos/espacos educativos e permitir que ela venha em nosso horizonte de sentidos significa produzir um diálogo entre passado e presente, assegurando então um aspecto importante da formação: testemunhar o mundo e possibilitar ao aluno o acesso ao patrimônio artístico e cultural, traduzindo-o em perspectiva própria. Essa noção bebe na fonte da hermenêutica filosófica e, nesta perspectiva, educar “[...] é, sobretudo, colocar em relação, para que cada um seja desafiado a buscar o sentido das coisas e a descobrir sua singular pertença ao mundo” (ALMEIDA, 2011, p. 220).

Neste horizonte, minha expectativa corrobora com uma educação que permite a instauração da pergunta sempre necessitadas de novos sentidos: O que é arte? Quando é arte? Quem é o artista? (TESSLER, 1997). Entendo que esta tematização empodera o aluno a se posicionar diante do que vê na mídia, nos espaços urbanos, nas exposições, enfim, nos textos e intertextos que vê em seu cotidiano. Talvez isto permita que aquilo que outrora era estranho ou “sem sentido” passe a assumir novas configurações no horizonte de sentidos de cada um.

Por fim, menciono que a imagem e seus usos na propaganda têm um endereçamento e uma serventia: o público consumidor e o mercado. Diferentemente delas, a arte, por não ser utensílio, tem um fim em si mesma! Uma boa obra nos apresenta o mundo, possibilitando apreender nuances da vida através da especificidade da própria linguagem. Uma boa obra, por isso, não

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

ilustra ou exemplifica a realidade, mas acrescenta algo nela. Isso significa que a arte é o ente que produz interrogação, que produz sentidos em que o ser emerge, necessitando, conforme Gadamer (2010), ser integrada à autocompreensão de cada um.

A arte, ao mesmo tempo em que renega a tradição, bebe na sua fonte! Parece-me que foi exatamente o que Duchamp fez. Ao negar a tradição da arte, interferindo na obra de Da Vinci, ele atualizou a Mona Lisa. Traduzindo a Mona Lisa em perspectiva própria, Duchamp deu-lhe novos contornos, permitindo outros sentidos; mas, no meu entendimento, a interferência nela feita ainda reivindicava o estatuto de arte. Assim, a *L.H.O.O.Q.* é arte e não uma imagem de cultura visual[4].

A partir desta compreensão, aposto em uma educação que permite este debate e, ao mesmo tempo, empodere o sujeito a se inserir no universo amplo e rico que é a arte. Ainda, permite elementos para que o aluno se movimente com um pouco de autonomia no contexto cultural hipermediatizado, com critérios razoáveis para escolher e não ser simplesmente escolhido. Nesse horizonte, Ana Mae Barbosa (2008) endereça uma crítica às instituições de ensino, ao mencionar que “[...] poucas universidades se atualizaram no sentido da ampliação do seu repertório baseado no código europeu e norte-americano branco que sempre as dominou para incluir outros códigos culturais na educação de artistas e atores culturais” (p. 24), ao que acrescentaria, para ampliar a formação do repertório dos professores em formação descolonizando pensamentos, visões de mundo, de verdades e de culturas.

Uma potencialidade da arte contemporânea é que ela interdisciplinariza “[...] pessoas com suas competências específicas interagem com outras pessoas de diferentes competências e criam, transcendendo cada uma seus próprios limites ou simplesmente estabelecendo diálogos” (Idem). Assim, compreender a arte e as imagens do cotidiano como linguagens encharcadas de historicidade e potencialidades reflexivas são desafios à educação que perspectiva a interação, a alteridade e a autonomia dos sujeitos.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. M. Interterritorialidade na arte/educação e na arte. In: BARBOSA, A. M. . AMARAL, Lilian (Orgs). *Interterritorialidade: mídias, contextos e educação*. São Paulo: Edições SESC SP, 2008.

ALMEIDA, V. S. . *Educação em Hannah Arendt: entre o mundo deserto e o amor ao mundo*. São Paulo: Cortez, 2011.

DUCHAMP, M. *Fontain*. Recuperado em março de 2013, de <http://www.marcel Duchamp.net/L.H.O.O.Q.ph>.

HEIDEGGER, M. . *A origem da obra de arte*. Tradução Maria da Conceição Costa. Tijuca; RJ: Edições 70, 1990.

HERMANN, N. . *Hermenêutica e educação*. Rio de Janeiro: DP&A. (O que é que você precisa saber), 2003.

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

HERMANN, N. . *Ética e educação*. Outra sensibilidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Coleção Temas & educação), 2014.

GADAMER, H. G. . *Hermenêutica da obra de arte*. Trad. Marcos Antônio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GADAMER, H. G. . *Verdade e método*: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. (3a ed). Trad. Flávio Paulo Meurer.. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

GULLAR, F. . Entrevista a Eduardo Veras e Luiz Antônio Araujo. *Jornal Zero Hora*, Caderno Cultura, 1999.

*Mona Lisa*. Recuperado em março de 2013 de, <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2012/09/mona-lisa-mais-jovem-sera-apresentada-em-genebra.html>.

JOHANN, M. R. . *Linguagem, arte e educação ético-estética em perspectiva hermenêutica filosófica* (Tese (doutorado) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Campus Ijuí). Educação nas Ciências). - Ijuí, p. 199, 2015.

MARSILLAC, A. L. M. . Quem matou Herzog? In: *Jornal Zero Hora*, Caderno Cultura, 2013.

SANT'ANNA, A. R. . *Desconstruir Duchamp*: a arte na hora da revisão. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2003.

TESSLER, Elida. *Obras e sobras*: rupturas na arte contemporânea. N. 4; vol. 4; p. 16 - 23: Porto Alegre, 1997.

Disponível em: <[http://www.elidatessler.com.br/textos\\_pdf/textos\\_artista/obras\\_sobras.pdf](http://www.elidatessler.com.br/textos_pdf/textos_artista/obras_sobras.pdf). Acesso: março 2017.

TRIGO, L. . *A grande feira*: uma reação ao vale-tudo na arte contemporânea. Rio de Janeiro: Record, 2009.

---

[1] Para Gadamer (2010), o próprio da obra de arte é seu excesso.

[2] Ver mais sobre o assunto: site <<https://www.pariscityvision.com/pt/paris/museus-de-paris/museu-do-louvre/mona-lisa-historia-misterios>>. Acesso em: Março de 2017.

[3] Ver Trigo, L. . *A grande feira*: uma reação ao vale-tudo na arte contemporânea. Rio de Janeiro:

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

Record, 2009.

[4] Para ver reprodução da obra: <<http://www.marcelduchamp.net/L.H.O.O.Q.ph.>>